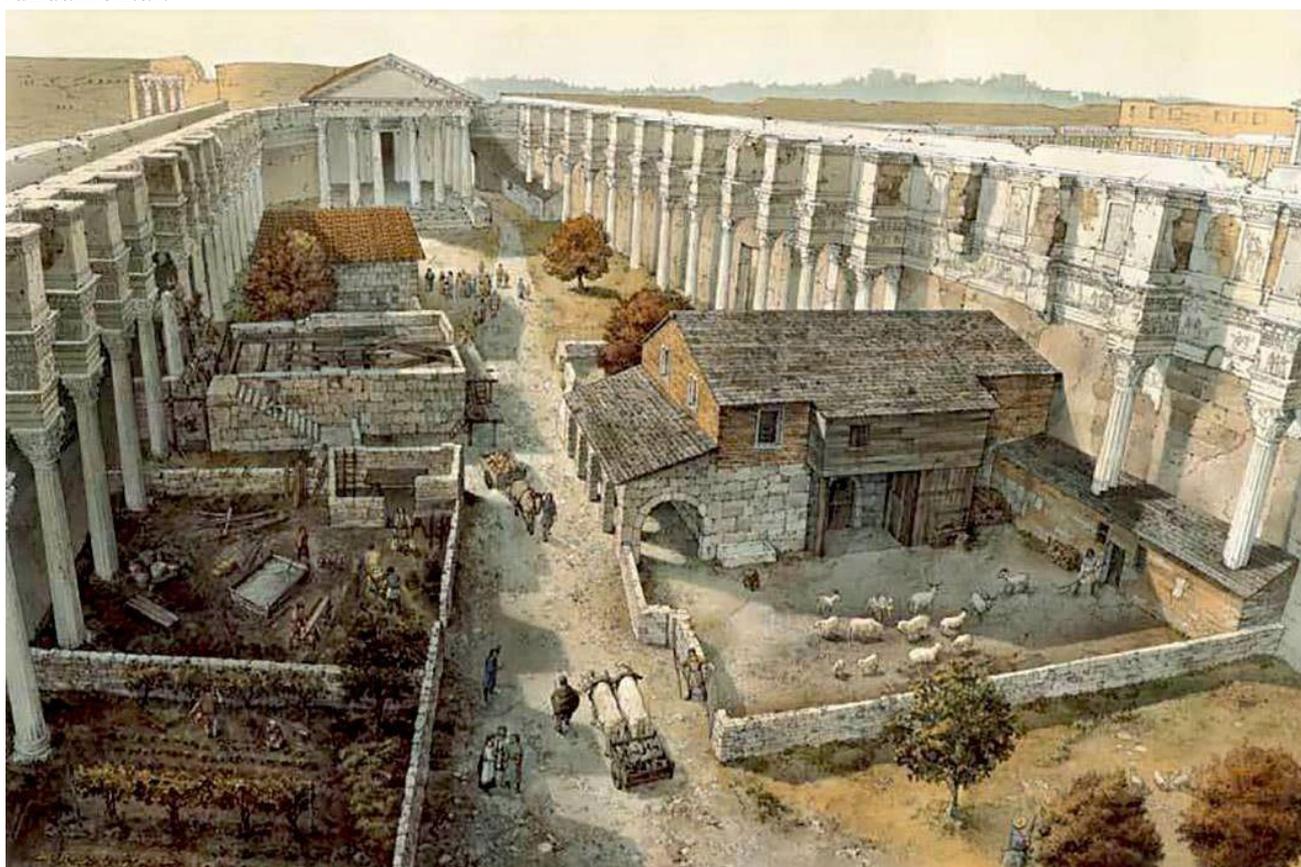


# A CIDADE DE ROMA EM FINS DO SÉCULO VI: CRISES E REINVENÇÃO

Fabiano Fernandes

As noções de Oriente e Ocidente são uma construção histórica complexa que não devem ser naturalizadas. Em tempos recentes a noção de Oriente está ainda bastante marcada pela concepção orientalista, gradualmente construída no contexto de expansão dos impérios europeus, particularmente dos séculos XVIII, até ao menos a primeira metade do século passado. Logo, mesmo na atualidade estamos ainda marcados por um determinado discurso, que reelaborou antigos estereótipos e gerou novos que obtiveram ampla circulação cultural (SAID, 1996). É importante ter clareza dessas noções herdadas para não impormos de forma equívoca categorias de análise que não são adequadas para a compreensão do mediterrâneo central na virada do século VI para o VII.

No contexto da Itália de finais do século VI, as noções de Oriente e Ocidente que herdamos culturalmente tem um potencial explicativo muito reduzido. A unidade do mediterrâneo construída pela expansão romana nos séculos anteriores, mesmo que fragilizada, é ainda uma chave de leitura fundamental.



FERNANDES, Fabiano. A cidade de Roma em fins do século VI: crises e reinvenção. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

Roma, a despeito de estar sob a autoridade do império romano do oriente, já não é o centro político do império romano, mas mantém grande importância com centro espiritual, pois nela residia o bispo de Roma, que reivindicava a sucessão do apóstolo Pedro, e era o único patriarca no território do que outrora compunha o império romano do ocidente.. A autoridade política estava centrada em Constantinopla, que tinha nas fronteiras com o império Persa sua principal preocupação e, de certa forma, considerava relativamente secundário o papel de Roma para a manutenção de certa identidade romana em uma Itália esgarçada pelas guerras, pelas fomes e pela peste.

Os efeitos da guerra de reconquista bizantina em Itália (535-554) e o da ocupação dos lombardos, a partir de 568, de grande parte da Península, cooperaram, em conjunto com as fomes e pestes, para aprofundar a diminuição da população, perceptível desde a segunda metade do século V. Ainda que esse processo de ocupação Lombarda possa, se assemelhar ao processo do estabelecimento de pactos entre o poder imperial e as federações bárbaras no século V (FABBRO, 2020: p.27 e 28), os conflitos com as populações locais foram bastante significativos. Logo, os lombardos tendo se implantado ou não com anuência imperial, esse processo foi bastante violento, sobretudo a partir do momento em que tais grupos bárbaros passaram a governar regiões inteiras, de forma autônoma, e passaram a saquear outras possessões do império do oriente, tal como a própria cidade de Roma.

As décadas de 520 e 540 foram atípicas do ponto de vista sismológico e meteorológico. Algumas regiões chegaram a ficar com sol empalidecido e com céu bem escuro por cerca de 8 meses, em particular no norte da Europa. Esse fenômeno contribuiu para a baixa produtividade agrícola, em curto prazo. Entre 536 e 545, a temperatura média foi a mais baixa em 2000 anos, caindo para algo situado entre 1,5 graus e 2,7 graus abaixo da média habitual, no início do período. A queda súbita da média da temperatura, com maior umidade, contribuiu também para a diminuição da produtividade agrícola, inaugurando uma espécie de pequena era do gelo, que durou cerca de dois séculos e meio (MOLINARI, 2021). Em várias regiões, uma população mal alimentada teve que se defrontar com o impacto epidêmico.

A região de onde partiu o surto pandêmico não é consensual entre os historiadores. Da Etiópia, a praga se espalhou para o Egito - avançando inexoravelmente, apoderando-se, alcançou Alexandria. De Alexandria, espalhou-se por todo o Mediterrâneo, até a Líbia, Itália, Sicília, Gália e Espanha. Também se espalhou de Alexandria para a Palestina através dos portos de Gaza e Ascálon, indo da costa para o interior, para a região ao redor de Jerusalém. Podemos tomar como exemplo o relato de João de Éfeso: em seus escritos, narra que estava na Palestina, quando a praga (mawtā na) estourou, e partiu para a Mesopotâmia, quando a peste estava pior. No caminho, ele notou a presença da peste (mawtā na) na Síria. Durante a intensidade da peste, ele viajou com um grupo de pessoas da Síria a Constantinopla. Ao longo do relato sobre sua viagem, ele registrou a propagação da peste para a Cilícia, Moésia, Icônio, Bitínia, Ásia, Galácia e Capadócia (LITTLE, 2007: p.61-63). Mas ao atingir a Itália o impacto foi muitíssimo significativo.

Segundo Wickham (2019), em fins do século VI, Roma não era uma cidade típica da Itália. Foi, provavelmente, entre 550 e 750, a maior cidade do Ocidente, talvez duas vezes maior que Ravena e Nápoles, ou mesmo cinco vezes maior que Brescchia ou Lucca. O território de Roma correspondia, mais ou menos, à região moderna do Lácio, na Itália atual. Segundo o referido autor, o território ligado à cidade de Roma era muito maior do que o de outras importantes cidades itálicas, como Veneza e Nápoles.

---

FERNANDES, Fabiano. A cidade de Roma em fins do século VI: crises e reinvenção. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>

Na paisagem de Roma do século VI, a muralha de Aureliano, de cerca de 19 km, era ainda uma das principais referências. A presença cristã na cidade se evidenciou nos séculos IV e V pela construção de inúmeras basílicas, monastérios e Igrejas. Dentre elas se destacava, por exemplo, a catedral de São João Latrão. As estruturas cristãs, relativamente recentes, conviviam com muitas estruturas mais antigas, que não se degradaram da noite para o dia e estavam presentes no cotidiano das pessoas, mesmo em fins do século VI, a despeito da grande diminuição demográfica e depredações. A população de Roma declinou para cerca de 60.000 pessoas em fins do século V e, provavelmente, em fins do século VI, declinou ainda mais para cifra aproximada de 20.000 a 30.000 mil pessoas (MOLINARI, 2021: p.387-390).

Mas a memória do seu passado glorioso e o orgulho de ter sido o centro do Império estavam presentes na intensa e contraditória relação mantida pelo Bispo de Roma e o poder Imperial, até meados do século VIII. Na prática, boa parte da administração da cidade, do seu abastecimento e mesmo de sua defesa militar, de forma direta ou indireta, recaíram sob o poder dos bispos de Roma. E ao lado do bispo de Roma, ao longo dos séculos VII e VIII, uma nova aristocracia, de origem cultural e étnica diversa, se fortaleceu, assemelhada à aristocracia militarizada do Ocidente medieval.

### Para saber mais

FABBRO, Eduardo. *Warfare and the making of early medieval Italy (568-652)*. London/ New York: Routledge/Taylor &, 2020.

LITTLE, Lester K (Edit.). *Plague and the End of Antiquity. The Pandemic of 541–750*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MOLINARI, Alessandra. Rome and the Roman Duchy In. COSENTINO, Salvatore (Edit.). *Companion to Byzantine Italy*. Boston: Leiden, 2021, p.387-404.

SAID, Edwar W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

WICKHAM, Chris. *O Legado de Roma. Iluminando a Idade das trevas*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

\_\_\_\_\_. *Early Medieval Italy: Central Power and Local Society, 400-1000*. Michigan: University of Michigan Press, 1989.

---

FERNANDES, Fabiano. A cidade de Roma em fins do século VI: crises e reinvenção. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>